



A Originalidade em cada mulher

POR MARTA NOGUEIRA DE SOUZA

COMISSÃO DE PARTICIPAÇÃO INSTITUCIONAL FEMININA DO TRE-DF (CPIF)

Olhando para esta imagem, não é difícil imaginar a luta de Carlota Pereira Queiroz, a primeira deputada federal da história do Brasil, eleita em 1933, pelo Estado de São Paulo. Médica, escritora, pedagoga e política brasileira, foi a primeira mulher no País a ser eleita deputada federal.

Assim como Carlota, cada mulher, com alguma dose de ousadia e força, é capaz de trilhar sua história original, independente de ostentar ou não um pioneirismo tão evidente. A esfera pública é desafiadora e muitas vezes compensadora. Mas, enquanto, para algumas, tal conquista pode significar liberdade, para outras, tal alvo não ecoa em suas aspirações pessoais e isso não lhes pode ser imputado como espécie de fraqueza.

Como servidora da Justiça Eleitoral, antiga que sou, tive a oportunidade de lidar diretamente com mulheres que, filiadas a partidos políticos, afirmaram convictas: “eu não quero ser candidata, o partido me indicou apenas para cumprir a cota”.

Essa é a outra face da moeda e, aqui também, o posicionamento firme deve ser visto como exercício de liberdade. Há ainda as que preferem dedicar-se a uma arte, ou a afazeres que podem ser taxados, de forma preconceituosa, como “antigos” e “retrógrados”.

A inclinação para atividades consideradas “out” pode ter raízes mais profundas, que hoje são estudadas e valorizadas por teorias que trabalham com a consciência sistêmica, como o Direito Sistêmico e vertentes terapêuticas, como a Constelação Familiar. Incluir e nutrir questões importantes da alma, que antes escapavam do foco de atenção, é de suma importância para a regulação emocional.

Descobrir como acessar e desfrutar de sua própria força, podendo encontrar a melhor versão de si mesma, é um caminho dinâmico, que exige reinvenção constante.

Armadilhas como presenteísmo, antes da pandemia, ou a alta produtividade, agora nesta fase, podem descompensar a energia pessoal. Outro problema é uma identificação confusa conhecida como enredamento, quando as pessoas se sentem definidas pela profissão, o que lhes absorve tempo e identidade, perdendo-se de vista atividades que estimulam o autoconhecimento e a satisfação interna, como terapias, leituras, interações sociais e vida espiritual.

Passando por 5 eleições em unidades da Secretaria Judiciária, que envolvem um ano de trabalho intenso, com meses sem finais de semana, isto a cada ciclo de quatro anos, descobri que não era possível pensar em equilíbrio e, sim, em uma forma de balanceamento. O que não poderia ser bem cuidado em ano eleitoral era preciso ser compensado em outros anos, como mais atividades com os filhos, atenção aos pais idosos, cursos de interesse pessoal e outras necessidades e satisfações.

O dinamismo da vida sempre vai dialogar com nossas reservas emocionais, por isso é bom cultivá-las. É claro que, enquanto se mata um leão, algumas coisas ficam pendentes, mas é possível compensar (como na expressão em inglês ASAP: as soon as possible) logo que for possível, vivendo um dia de cada vez, a fim de aliviar o peso do julgamento incompassivo sobre si mesma.

Em vez da adaptação irrefletida e hiperativa, é a conexão com a própria essência, de onde se extrai vitalidade, que vai conferir centrimento para responder ao mundo com posicionamento firme, porém suave...

Nas instituições, vale estar atenta e aproveitar o bonde da reinvenção pós-pandemia para novas possibilidades de conquista, como uma jornada híbrida, com maior flexibilidade semanal e mais autonomia para que cada mulher e cada pessoa possa gerir sua rotina e funcionar na melhor versão de si mesma.

Referência:

Deputada Carlota Pereira de Queirós no Plenário da Assembleia Constituinte de 1934

<https://www.camara.leg.br/internet/agencia/infograficos-html5/a-conquista-do-voto-feminino/carlota-queiros.html>